

# Breves considerações filosóficas acerca da relação arte-educação ambiental

*Marcos Antônio Pimentel Pequeno*

*Universidade Federal da Paraíba*

## Resumo

Este artigo resulta de uma investigação acerca da relação arte-educação ambiental. O nosso objetivo consiste em contribuir com a referida relação, evidenciando que a mesma necessita ser fundamentada por uma concepção de sensibilização associada a uma visão ampliada de educação e ecologia. Nesse sentido, apresentaremos um quadro sucinto das principais correntes do debate ambiental e uma reflexão acerca da dimensão educacional do problema ecológico.

**Palavras-chave:** arte-educação, sensibilização, ecologia.

## Abstract

This article arises from a research about the relationship between the environmental matter and the art-education issue. Our goal is to contribute to this relationship, by showing that it needs to be sustained by a concept of sensitization associated with a broader view of education and ecology. In this sense, we present a brief picture of the mainstream of the environmental debate and a reflection on the educational extent of the ecological problem.

**Keywords:** art-education issue, sensitization, ecology.



A relação arte-educação é, antes de tudo, um desafio epistemológico que pode ser nutrido por investigações filosóficas. A reflexão de Ana Mae Barbosa acerca da referida relação, efetuada no final dos anos 80 (que permanece atual em sua essência), transcende o seu âmbito imediato, uma vez que a sua exaltação da importância do conhecimento como norteador da arte-educação é algo que pode ser estendido a todos os setores da atividade humana. Ela revela que nos 16 anos (de 1973 a 1989) de ensino obrigatório das artes no Brasil não foi desenvolvida a qualidade da estética da arte-educação nas escolas. Este quadro estaria associado à baixa qualidade escolar que atinge todas as outras áreas









das principais correntes e posturas ambientais que refletem sobre o problema ecológico atual. Nesse sentido, Ferry põe em discussão um tema que foi alvo de ataques de pensadores avessos à modernidade, qual seja: o humanismo.

A proposta de Luc Ferry concernente a uma ecologia democrática exige, para o seu fortalecimento, uma crítica interna da própria democracia, bem como justificar a sua face reformista, uma vez que ela pretende manter intacto aquilo que ele considera o melhor da herança iluminista, ou seja, a autonomia do indivíduo, a laicidade, o humanismo jurídico, a democracia etc. Nessa perspectiva, ele defende um humanismo crítico e não-metafísico que venha a assumir deveres para com os outros seres. Ferry afirma que a ampliação de direitos aos outros seres da natureza (que é uma das reivindicações do biocentrismo) exige uma ecologia global com repercussões políticas e econômicas que, em casos extremos, tende a negar a totalidade do mundo moderno, atingindo, pois, toda a sua herança humanista.

Decorridos pouco mais de vinte anos da publicação de *A nova ordem ecológica*, de Luc Ferry, foi publicada, nos textos de Michael Shellenberger e Ted Nordhaus, uma recente proposta de ecologia democrática pautada na exaltação do avanço tecnológico como meio mais eficaz para promover, numa perspectiva liberal-consensual-global, o desenvolvimento econômico e a preservação ambiental.

Shellenberger e Nordhaus publicaram, em 2004, o ensaio *The death of environmentalism* (A morte do ambientalismo) cujo objetivo maior é, ao mesmo tempo, denunciar a visão estreita dos ambientalistas para o enfrentamento do problema ecológico e mostrar que uma alternativa progressista de amplitude mundial é o melhor caminho para tentar solucionar as questões ambientais.

Um texto recente dos dois autores, intitulado *Mais civilização*, publicado em 2012, esclarece e amplia os conteúdos defendidos no ensaio (*A morte do ambientalismo*), escrito em 2004. O texto *Mais civilização* exalta a necessidade de se manter e acelerar os avanços tecnológicos como o meio mais eficaz para escaparmos do impasse ecológico que nós mesmos criamos, ou seja, o desenvolvimento tecnológico deve ser incentivado e associado ao avanço de um conjunto de elementos que eles sintetizam na expressão “mais civilização”.

O desenvolvimento tecnológico sempre foi o meio que possibilitou a sobrevivência humana em seu relacionamento com a natureza. Ele ajudou a humanidade a perseguir os objetivos de emancipação da natureza, do tribalismo, da escravidão, da pobreza. Ademais, a nossa crescente dependência tecnológica associada ao interesse majoritário de crescimento econômico (que a maioria dos países reivindica), leva-nos a considerar, seriamente, a alternativa tecnológica como o meio mais bem indicado para atender às demandas humanas e enfrentar o problema ecológico.

A proposta de Michael Shellenberger e Ted Nordhaus é o ponto culminante do debate ecológico contemporâneo, uma vez que ela entrecruza as polêmicas entre antropocentrismo e biocentrismo, liberalismo e ambientalismo, sugerindo o diálogo e o consenso (na forma de alianças que aglutinem valores e interesses) como instrumentos





ser entendida como um amplo processo de ensino e aprendizagem que simultaneamente incorpora e transcende o âmbito escolar, atingindo, pois, todo o corpo sócio-político-cultural.

Defendemos que o regime democrático ainda é o melhor caminho para o estabelecimento do equilíbrio ambiental, haja vista que este é uma das condições básicas para a continuidade daquele, uma vez que a democracia se afigura como o melhor meio para equilibrar a relação economia-ecologia e tal equilíbrio é uma condição para o seu desenvolvimento. Nesse sentido, uma opção não democrática talvez pudesse vir, por outros meios, a equilibrar a referida relação, mas há o temor de tal alternativa suprimir, em nome da preservação incondicional do meio ambiente, aquilo que é essencial ao humano, a sua liberdade. Eis, pois, que se impõe à educação o desafio de ser um instrumento de fortalecimento da democracia e de uma postura de enfrentamento das questões ambientais.

Não adianta defender o lema “educação é fundamental” sem a criação de uma política pública de educação que esteja assentada numa adequada infraestrutura escolar e em diretrizes pedagógicas bem fundamentadas. Convém ainda apostar em uma educação que, além de oferecer conteúdos tecnicistas, forneça saberes teóricos e práticos capazes de contribuir para o desenvolvimento cultural, ético e intelectual do indivíduo e, conseqüentemente, do corpo social.

A necessidade de fundamentar as pedagogias de ensino escolar numa rica concepção de educação é um desafio de amplitude mundial que encontra obstáculos em peculiaridades locais, regionais e nacionais, mas que revela também uma tendência global comum: a priorização do ensino tecnicista como alicerce do desenvolvimento econômico. Enquanto nos países ricos tal prioridade tem o objetivo de garantir e, se possível, ampliar a opulência material já obtida, nos países pobres e emergentes a meta é superar a miséria e atingir o progresso econômico. Porém, nesse caso, trata-se de um desafio ainda maior por causa da carência de professores qualificados e de fatores estruturais de ordem social, econômica e cultural, que dificultam o próprio desenvolvimento do ensino tecnicista. Nesse contexto, falar de educação de qualidade pode soar, à primeira vista, como devaneio. De qualquer forma, aliada a essa a formação de tendência tecnicista, não se pode negar que há também um despertar para a necessidade de que a educação ambiental faça parte também dos conteúdos curriculares do sistema formal de ensino e que tal disciplina, a nosso ver, esteja associada a um processo de sensibilização ecológica.

Além de informações precisas, a educação ambiental deve priorizar conteúdos que expressem verdades. Assim, é aconselhável que qualquer sugestão de amor à natureza, respeito pelos outros seres, seja acompanhada pela revelação de que vivemos em um complexo modelo de civilização que é movido por uma postura antropocêntrica que está entranhada nas várias dimensões que caracterizam o ser humano, sendo, pois, de difícil possibilidade a superação radical do referido antropocentrismo, restando-nos, assim, tentar moderá-lo, redimensioná-lo para a preservação ambiental. Desse modo, é conveniente ressaltar que a preocupação ambiental é essencialmente uma preocupação



A reflexão acerca da educação envolve uma expressão-chave que é utilizada pelo ambientalismo mundial: a necessidade de desenvolvimento de uma consciência ambiental. Tal expressão convida os educadores a assumirem o objetivo de “conscientizar” ambientalmente os seus estudantes. Mas, é possível conscientizar alguém e fazer com que tal conscientização resulte efetivamente em práticas de enfrentamento das questões ambientais? Alguém é capaz de, real e efetivamente, conscientizar outrem? Afinal, quem conscientiza o conscientizador? Não seria mais prudente que o objetivo de “conscientizar” alguém fosse precedido e norteado pelo oferecimento de infraestruturas socioeducacionais (às quais já nos referimos) que possibilitassem ao educando construir a sua própria consciência crítico-reflexiva, contribuindo, assim, para o próprio fortalecimento da conduta preservacionista? O objetivo educacional de conscientizar não seria equivocado, uma vez que existem indivíduos com baixa estatura intelectual que possuem mais consciência ambiental que indivíduos com alta escolaridade?

Em todo caso, se o educador insiste com o objetivo de “conscientizar”, então a sensibilização poderia ser incluída e utilizada, uma vez que ela permite atingir as emoções básicas necessárias para motivar o indivíduo a abraçar ações de preservação ambiental. Nesse sentido, a sensibilização também possui o mérito de envolver ambientalmente os indivíduos independentemente de seu nível social e escolar, do pobre ao rico, do analfabeto ao doutor. E aí reside a sua fundamental relevância como motivadora do processo de educação ambiental, pois ela é, ao mesmo tempo, incisiva e imediata, bem como abrangente, uma vez que as emoções influenciam diretamente o pensamento e a conduta dos seres humanos. Nesse sentido, a sensibilização, concebida como um instrumento que pode auxiliar processos educacionais que visem a oferecer aos educandos meios concretos para a construção de sua qualificação profissional, bem como de sua postura crítico-reflexiva, poderia vir a contribuir como força motivadora essencial da constituição de uma razão ecológica aglutinadora de pensamentos, emoções e sentimentos que orientem escolhas e decisões capazes de assumir a responsabilidade ambiental.

A sensibilização é um processo inerente ao mundo psíquico que remete à palavra sensibilidade que significa a capacidade de sentir emoções e sentimentos, atingindo de modo positivo ou não a nossa afetividade que pode ser definida como um receptáculo físico e mental a partir do qual se manifestam as próprias emoções e sentimentos. De modo mais amplo, como assevera Ballone, a afetividade envolve as representações, as vivências e os sentimentos (BALLONE, 2013, p.01).

As vivências são o somatório das nossas experiências pessoais, as quais envolvem representações (lembranças, significados, compreensões etc.), afecções e atitudes. As vivências são acompanhadas por sentimentos (medo, ansiedade, alegria, raiva, angústia, apreensão etc.) que são as nossas respostas às referidas vivências. Daí a importância de vivências que produzam sentimentos e representações favoráveis à preservação do meio ambiente, afinal, se é verdade que as vivências causam sentimentos, então por que não propiciar ou priorizar aquelas que possibilitem uma postura favorável à causa ecológica? Nesse sentido, bastaria apenas estimular vivências direcionadas para o referido objetivo,

ou seja, por meio de um pedagógico processo de sensibilização seria possível atingir a afetividade dos indivíduos estimulando, assim, os seus sentimentos e representações. Desse modo, por intermédio da afetividade, as nossas vivências são transformadas em sentimentos e representações. Ela é a fonte de valor subjetivo e objetivo, que nos ajuda a apreender o mundo. Por isso, ela necessita ser estimulada, de modo saudável, para contribuir com o desenvolvimento ético, cultural, intelectual e emocional do indivíduo.

A importância da afetividade no processo educacional (que, como vimos, abrange toda a vida do indivíduo) é um tema da psicologia genética que encontra em Vygotsky um de seus maiores expoentes. A sua relevância reside na defesa da ideia de que pensamento e afetividade são instâncias inseparáveis que interagem reciprocamente.

Nessa perspectiva, pensamento e afetividade mantêm um relacionamento que alicerça e desenvolve essencialmente a própria constituição da consciência que, segundo Oliveira, “seria a própria essência da psiquê humana, constituída por uma inter-relação dinâmica, e em transformação ao longo do desenvolvimento, entre intelecto e afeto, atividade no mundo e representação simbólica, controle dos próprios processos psicológicos, subjetividade e interação social” (OLIVEIRA *in*: LA TAILLE, 1992, p.79).

Os atuais estudos psicogenéticos acerca da importância da afetividade na constituição do ser humano são a continuidade de uma tradição filosófica empirista que remonta a David Hume (1711-1776) que defendeu, em sua obra *Tratado da natureza humana*, a tese de que as emoções são a fonte da conduta moral.

## Considerações finais

Concluimos a presente reflexão reafirmando a ideia de que a sensibilização (considerando-se, também, a sua influência no agir moral), além de sua possível contribuição ao processo geral de educação da sociedade, é um estratégico instrumento de mobilização que poderá ser útil ao fortalecimento de uma ecologia democrática. Nesse sentido, as artes são convidadas, democraticamente, a assumirem o papel de protagonistas da sensibilização ambiental na educação que está entranhada na dimensão sociocultural do ser humano.

Destacamos, também, que a motivação e o uso da afetividade por intermédio de processos pedagógicos de sensibilização, além de contribuir com o desenvolvimento das potencialidades dos indivíduos, pode ser utilizada para estimular a atuação do Estado como gestor ambiental, bastando, para isso, que os governos democráticos sejam sensibilizados para executar tal objetivo, o que motivaria tais governos (considerando a sua estrutura administrativa e de comando) a exercer a função de intermediários entre Estado e sociedade, visando encontrar meios para suscitar o diálogo, a compreensão e o consenso necessários para o enfrentamento do problema ecológico.

## Referências bibliográficas

BALLONE, G.J. **Afetividade**. Texto disponível em <http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNotícia&idNotícia=62>

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras**. Artigo disponível em: [www.scielo.br/pdf/ea/v3n7/v3n7a10](http://www.scielo.br/pdf/ea/v3n7/v3n7a10)

BOBBIO, Norberto. **Sociedade e estado na filosofia política moderna**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

\_\_\_\_\_. **Liberalismo e democracia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

\_\_\_\_\_. **Igualdade e liberdade**.

\_\_\_\_\_. **A era dos direitos**.

BOFF, Leonardo. **Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

DALAI LAMA. **Uma ética para o novo milênio**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DEVALL, Bill / SESSIONS, George. **Ecologia Profunda**. Águas Santas – Portugal: Edições Sempre-em-Pé, 2004.

FERRY, Luc. **A nova ordem ecológica: a árvore, o animal e o homem**. São Paulo: Ensaio, 1994.

HABERMAS, Jürgen. **Sobre a Constituição da Europa**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HUME, David. **Tratado da natureza humana**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

JONAS, Hans. **O princípio Responsabilidade**. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-RIO, 2006.

KANT, Immanuel. **Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

KRAEMER, Celso / SASSE, Fernanda. **O conceito de arte e sua importância para a educação**. Artigo disponível em: [proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/2271/1492](http://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/2271/1492)

LARRÈRE, Catherine / LARRÈRE, Raphael. **Do bom uso da natureza**. Lisboa: Piaget, 2000.

LA TAILLE, Yves de. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**.

São Paulo: Summus, 1992.

LEOPOLD, Aldo. **Pensar como uma montanha**. Águas Santas/Portugal: Edições Sempre-em-Pé, 2008.

MIES, Maria / SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

NAESS, Arne. **Ecology, community and lifestyle**. New York: Cambridge University Press, 1989.

PELIZZOLI, M.L. **Correntes da ética ambiental**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **A emergência do paradigma ecológico**. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Ética e meio ambiente para uma sociedade sustentável**. Petrópolis: Vozes, 2013.

PEQUENO, Marcos Antônio Pimentel. Artigo: **Liberdade, igualdade e ecologia**. Revista Mosaicum, Ano 9, n. 16. Teixeira de Freitas, BA: Faculdade do Sul da Bahia, 2012.

PEQUENO, Marconi José Pimentel. **10 lições sobre Hume**. Petrópolis: Vozes, 2012 a.

SERRES, Michel. **Le Contrat Naturel**. Paris: Éditions François Bourin, 1990.

\_\_\_\_\_. **O Contrato Natural**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

SHELLENBERGER, Michael / NORDAUS, Ted. **The death of environmentalism** (A morte do ambientalismo). Ensaio publicado em 2004.

\_\_\_\_\_. **Mais civilização**. Texto publicado em 13 de junho de 2012 pela Revista Veja, edição 2273 – ano 45 – n.24.

SINGER, Peter. **Libertação animal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

TOSI, Giuseppe. **Direitos Humanos: história, teoria e prática**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2005.

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. 4ª ed. São Paulo: Difel, 1984.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZANOTELLI, Luiz Cláudio. Artigo: **o ecologismo e a peste emocional**. Sobral: Revista da Casa de Geografia de Sobral, ano 1. N.1 (1999). Texto disponível em: [www.uvanet.br/rcgs/index.php/RCGS/article/viewFile/43/101](http://www.uvanet.br/rcgs/index.php/RCGS/article/viewFile/43/101)